

# Sobretudo uma grande experiência

115

... superior à de 5 anos numa escola de cinema — Camilo de Sousa  
por Augusto de Jesus (texto) e Amadeu Marrengula (fotos)

Enchentes inusitadas invadem diariamente o Cine-Teatro África. São pessoas que aparecem de todas as latitudes de Maputo e que querem ver a sua própria imagem, onde normalmente só aparece a do estrangeiro. São pessoas que ouviram falar em tiros e explosões na Xefina e na Inhaca e que agora querem ver como tudo acabou. Uma vez dentro da sala, o écran já colorido, soltam suspiros de emoção e batem palmas de contentamento, porque são eles mesmos que são projectados naquela história, são a razão de tudo aquilo. É a consagração primeira de um trabalho que levou quase um ano, da primeira aventura do nosso cinema, que culminou na realização do primeiro filme de longa-metragem de ficção, em 10 anos que Moçambique tem — O TEMPO DOS LEOPARDOS.

Depois de assistirem o filme, os espectadores comentam-no. São várias as opiniões sobre O Tempo dos Leopardos, vários são os pontos de partida para se analisar minimamente o filme. Muitas pessoas acham-no completamente óptimo, outras elogiam-no, mas também levantam questões que para elas deveriam ter merecido maior atenção. Mas é o primeiro filme de ficção, com todos os requisitos necessários para um filme do género; é o primeiro argumento cinematográfico moçambicano, os primeiros actores, actores pela primeira vez.

Camilo de Sousa, assistente da realização (realizador pela parte nacional) considerou O Tempo dos Leopardos como um teste e afirma com convicção que para a parte moçambicana, valeu mais este ano de trabalho do que valeriam cinco anos de estudo, numa escola qualquer de cinematografia.

Com a realização deste filme descobrimos que temos muito bons técnicos de cinema no País; que durante todos estes anos formámos bons quadros para o nosso cinema — disse Camilo de Sousa.

Ele acrescentou que, visto o trabalho, «concluímos que podemos fazer, nós próprios, unicamente, uma longa-metragem de ficção» e ressaltou o facto de que uma co-produção só nos pode ser imposta por razões de ordem financeira, «por termos de ter investimentos. Podemos fazer outras longas-metragens de ficção e é isso que vamos fazer a partir de agora», enfatizou aquele realizador moçambicano.

nem sequer haviam pensado em fazer cinema, e todas outras coisas novas — este é o consenso de todos quantos trabalharam para O Tempo dos Leopardos e o que Camilo de Sousa também sempre referiu.

O assistente da realização do filme disse ainda que a despeito de tudo isso, o resultado que se obteve foi ao encontro do que se esperava, tendo até em vários aspectos ultrapassado as previsões. Com orgulho, afirmou que até a própria contra-parceira jogava, bem como outras pessoas abalizadas em questões cinematográficas, ficaram «muito bem impressionadas com o trabalho feito, particularmente pelo trabalho dos actores».

Vários técnicos jugoslavos nem sequer acreditam que os actores sejam da factó, pessoas que antes nunca haviam feito cinema. Casos como o Santos Mulungo, que é um actor nato, e muitos outros, mereceram particular atenção e elogio pela forma como trabalharam — fez referência Camilo de Sousa.

Sobre a forma como decorreu o trabalho de filmagens, Camilo de Sousa considerou-o bastante difícil e achou o momento mais complicado a movimentação de pessoas, exemplificando com o facto de terem tido planos com cerca de 300 pessoas, o que é muito para o cinema. Fez especial referência, por outro lado, a certos desentendimentos havidos ao longo do trabalho de preparação, o que se pode considerar normal, em casos semelhantes.

Em relação às críticas que são dirigidas ao filme, Camilo de Sousa achou-as normais: Como obra de arte, o filme é passível de crítica. Mas deve dizer que muitos países que já têm uma cinematografia desenvolvida, não tiveram o seu primeiro filme de ficção de uma qualidade boa como este. Muitas pessoas já torcem sequer, também, acreditam que este seja o nosso primeiro filme.

### AS CÁMARAS ABORRECEM

— Santos Mulungo

Tudo feito pela primeira vez, «calorosos» todos os actores o são. Santos Mulungo é Pedro, o comandante. Com 37 anos, no meandro de representar, só o teatro conhecia, sua ocupação principal. Ele é actor de Grupo



Santos Mulungo, aliás, «Pedro o Comandante»

Teatro dos CFM-Sul.

Sobre a escolha de representar Pedro que recaiu em si, Santos Mulungo disse que não se sentiu por talento, mas julgou que

sim, porque antes houve uma selecção. Para ele, o mais difícil de fazer nos preparativos foi interiorizar o papel de Pedro, pois «antes nunca havia feito um papel de guerrilheiro».

Contudo, adianta que o mais aborrecido e difícil são as câmaras que não lhe deixavam à vontade. A seguir, explicou porque:

— Há uma diferença muito grande entre fazer teatro e fazer cinema. No teatro é mais simples, porque enfrentamos logo o público, brincamos com o público. Já no cinema, as coisas são mais difíceis, porque as câmaras aborrecem, e todas aquelas máquinas...

Referindo-se à sua participação no filme, o Comandante Pedro afirmou que «estou muito satisfeito, como moçambicano» e acrescentou que gostaria de fazer parte do elenco de mais filmes, mas isso não depende de mim, mas sim, dos realizadores e se formos a fazer mais filmes de ficção».

Para ele, o momento mais sublimado do filme, disse que foi quando a Ana pergunta se ele não teria nada para oferecer ao «filho» e ele oferece a sua última bala, que sempre trazia no bolso. Dos momentos sofríveis, fez ressaltar o que ocorre quando, dentro de casa, tem que beijar a Ana: Podia ter sido muito melhor. Talvez porque não se tratasse de facto da minha mulher...

### ACHEI O CINEMA UMA FALSIDADE

— Ana Magaia

Actriz de teatro, por vocação e ocupação, Ana Magaia é a própria Ana, namorada do Comandante Pedro, que não quis trair, insistindo que a base principal da Frelimo situa-se na cabeça de cada moçambicano consciente.

A impressão de Ana Magaia sobre o cinema, tal como ela afirmou, é a de que o cinema é uma falsidade. No cinema, um indivíduo é mecânico; se tenho que sorrir basta um esgar, se tenho que chorar, põem-me um líquido a pingar pelos olhos; no teatro eu vivo, crio, tenho um espaço para desenvolver — disse a actriz.

O Tempo dos Leopardos. Ana Magaia considerou-o óptimo, muito embora tivesse feito alguns reparos, naquilo que ela disse o filme pecar. Fez notar alguns aspectos que afirmou que «deveriam ter sido mais cuidadosos», fazendo alusão ao comportamento dos militares moçambicanos.

— Mas isto é cinema e não realidade; cinema é uma coisa, realidade é outra — afirmou ela, citando a dea final a que se chegou.

Quando lhe perguntámos qual seria a sua opção se tivesse que fazer só cinema ou só teatro, ela foi peremptória: teatro. «Mas posso fazer ambas as coisas, até porque espero poder participar em mais filmes».

Falando sobre o seu papel no O Tempo dos Leopardos, Ana Magaia afirmou que se teria sentido «muito mais à vontade se tivesse que representar a Maria, que é um papel mais livre». E como quem lamenta o facto de ter feito cinema, particularmente aquele papel, Ana Magaia exteriorizou o seu sentimento mais difícil no filme: «É quando tenho que cair. Eu sempre caía antes do disparo, fechando os olhos. Tive que repetir a cena 25 vezes, de-



Ana Magaia, a própria «Ana»

pois do chorar, quase a desmaiar e com as nádegas a doerem de tanto cair.

### GRACIAS À EXPERIENCIA MILITAR — Marcelino Alves

Sa entre os actores existem (poucos) os que já tinham alguma experiência de representar, normalmente em teatro, tais como os dois casos anteriores, também existem os que nunca na vida representaram. Dentre esses escalões de primeira, Marcelino Alves é um deles.

É o «líder» dos comandos portugueses, o capitão, e dá sua notável participação no filme, dá graças à sua «anterior experiência militar, como oficial paraquedista do exército português». De 35 anos, Chefe do Departamento de Programação da RM, Marcelino Alves declarou que nunca antes representara, com a evidente excepção dos seus longínquos tempos de escola.

O capitão disse sobre o filme que, depois de todo aquele tempo de preparação, de filmagens e tudo mais, «foi uma surpresa agradável» ver o produto final dos trabalhos, tal como e é e todos podem ver. Sobre o seu papel, ele disse que é «incapaz de se criticar agora, só de se lembrar que, quando participava nas filmagens, julgava estar a fazer uma figura de parva».

Para já nós não temos nenhuma noção de sequência quando estamos a filmar. Podemos comecar, por exemplo, por representar uma cena que, na montagem, vai ser precisamente a última. Isso deixa-nos confusos sem uma noção precisa do que estamos a fazer.



O assistente de realização, Camilo de Sousa (foto de Arquivo)

que — afirmou Marcelino Alves ainda sobre a sua participação no O Tempo dos Leopardos.

No que diz respeito ao trabalho de feitura do filme, Marcelino Alves aponta, entretanto, alguns detalhes que a si lhe parecem negativos tal como disse. Foi crítico quando se referiu ao «pouco diálogo» e à «não observância de determinados aspectos do comportamento dos guerrilheiros de FRELIMO, como por exemplo, a maneira de eles pegarem a arma, marcharem, etc.

— Julgo que foi dada pouca atenção às cenas dos guerrilheiros da FRELIMO, é um defeito nosso (do filme) que temos que assumir. Penso que faltou-nos um conselheiro da Lula Armada — afirmou.

Em relação a outros entraves encontrados no processo de trabalho, que ele o considerou um processo de aprendizagem, Marcelino Alves apontou ainda o problema da movimentação das pessoas intervenientes, as questões de coordenação entre as partes



Marcelino Alves, ao Capitão

jugoslava e moçambicana, particularizando a questão do argumento que, segundo disse, «foi traduzido duas vezes»: do português para a língua dos jugoslavos e desta, de novo para o português, com todas as deficiências de texto que isso acarreta.

Discussões de trabalho entre ambas as partes e alterações de certos aspectos, Marcelino Alves disse que as houve, «mas o realizador tem o direito (muita e pode) de não aceitar determinadas coisas».